

UM OLHAR SOBRE AS ÁRVORES SAGRADAS NA BÍBLIA HEBRAICA

A VIEW ON THE SACRED TREES IN THE HEBREW BIBLE

Manu Marcus Hubner¹

Resumo

Árvores consideradas especiais ou sagradas, como as árvores da vida, da imortalidade, do conhecimento, da compreensão, do bem e do mal, são símbolos comumente utilizados pelas culturas antigas. O poder vegetal de crescimento e frutificação e os benefícios concedidos aos homens, como a sombra, a madeira e os frutos, impulsionaram a imaginação humana. Podemos encontrar diversos exemplos de árvores na Bíblia Hebraica e nas culturas adjacentes do Oriente Próximo, mas merecem destaque as árvores centrais do Jardim do Éden: a Árvore da vida e a Árvore do conhecimento. A árvore sagrada pode proporcionar, além da dádiva da vida ou do conhecimento, rejuvenescimento, virtude, fertilidade, conexão entre mundos, abrigo para deuses, entre muitos outros usos em rituais e mitologias antigas.

Palavras-chave: Árvore. Vida. Conhecimento. Bíblia Hebraica. Símbolo.

Abstract

Trees considered special or sacred, as the trees of life, immortality, knowledge, understanding, good and evil, are symbols commonly used by ancient cultures. The vegetal power of growth and fruiting and the benefits provided to men, such as shade, wood and fruits, fueled the human imagination. We can find many examples of trees in the Hebrew Bible and adjacent cultures of the Near East, but a special focus should be placed on the central trees of the Garden of Eden: the Tree of Life and the Tree of Knowledge. The sacred tree can provide, in addition to the gift of life or knowledge, rejuvenation, virtue, fertility, connection of worlds, shelter for gods, among many other uses in ancient rituals and mythologies.

Keywords: Tree. Life. Knowledge. Hebrew Bible. Symbol.

¹ Doutorando pelo programa de pós-graduação em Estudos Judaicos e Árabes do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
marcush@usp.br

Dentro do Jardim do Éden havia duas árvores especiais: a *Árvore da vida* e a *Árvore do conhecimento do bem e do mal* (GN 2:9). Os frutos destas duas árvores são capazes de proporcionar aos humanos presentes divinos, a imortalidade e o conhecimento divino, respectivamente.

E plantou o Eterno Deus um jardim no Éden, no oriente, e colocou ali o homem que formou. E fez brotar o Eterno Deus, da terra, toda árvore cobiçável à vista e boa para comer, e a árvore da vida (estava) dentro do jardim, e a árvore do saber, do bem e do mal. E um rio saía do Éden, para regar o jardim; e dali se espalhava e convertia-se em quatro cabeceiras. (Gn 2:8-10)².

Após Adão e Eva comerem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal (3:6), ambos foram expulsos do Jardim do Éden, com a seguinte fala divina: “Eis que o homem se tem tornado como um de Nós, para saber o bem e o mal. E agora quiçá ele estenda a sua mão e tome também da **árvore da vida** e coma, e **viva para sempre**. (3:22, grifo nosso)”.

Entende-se, então, que a *Árvore da vida* proporciona vida eterna. Como consequência, o homem foi expulso do Éden para que não tivesse a oportunidade de comer dos frutos da *Árvore da vida*, tornando-se imortal.

A *Árvore da vida* é um símbolo³ de sabedoria e de plenitude para o livro de *Provérbios*.

Feliz o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento; porque melhor é o lucro que ela dá do que o da prata, e melhor a sua renda do que o ouro mais fino. Mais preciosa é do que pérolas, e tudo o que podes desejar não é comparável a ela. O alongar-se da vida está na sua mão direita, na sua esquerda, riquezas e honra. Os seus caminhos são caminhos

² As abreviações dos livros da Bíblia seguem o padrão da Bíblia de Jerusalém. A não ser quando indicado de outra forma, a Bíblia utilizada para citações do Pentateuco neste trabalho será a *Torá: A Lei de Moisés*. Tradução de Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Sefer, 2001. Para citações dos demais livros da Bíblia Hebraica, será utilizada *A Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira D’Almeida, ed. rev. e atualizada do software *Bible Works*.

³ Segundo Eliade, 2002, p. 363, o símbolo tem como função transformar um objeto ou ato em algo diferente daquilo pelo qual este objeto ou ato são tidos na experiência profana. O símbolo (hierofania, que é a manifestação do sagrado, difere de epifania, que é a aparição divina) revela uma realidade sagrada ou cosmológica. O símbolo descontinua a ruptura entre sagrado e profano (ligação), e identifica o indivíduo com o cosmos e com a comunidade. Tudo pode ser um símbolo ou desempenhar o papel de um símbolo. Até mesmo uma pedra pode ser o símbolo do centro do mundo.

deliciosos, e todas as suas veredas, paz. É árvore de vida para os que a alcançam, e felizes são todos os que a retêm. (3:13-18)

O fruto do justo é árvore de vida, e o que ganha almas é sábio. (11:30).

A esperança que se adia faz adoecer o coração, mas o desejo cumprido é árvore de vida. (13:12).

A língua serena é árvore de vida, mas a perversa quebranta o espírito. (15:4).

O *Talmud*⁴ relaciona a Árvore da vida à própria *Torá*⁵ e ao conhecimento adquirido nesta área pelos sábios:

But desire fulfilled is a tree of life; and the tree of life is nought but the Torah, as it says, She is a tree of life to them that lay hold on her! (*BRACHOT* 32b).

Whosoever occupies himself with the Torah for its own sake his learning becomes an elixir of life to him, for it is said, It is a tree of life to them that grasp it. (*TAANIT* 7a).

She is a tree of life to them that lay hold upon her: and happy is everyone that retaineth her. (*NEDARIM* 62a).

The fruit of the righteous is a tree of life. (*BABA METZIA* 85a).

My father's gathered treasures of money, but I have gathered treasures of souls, as it is written, The fruit of the righteous [zaddik] is a tree of life, and he that is wise winneth souls. (*BABA BATRA* 11a).

[...]tree [of life] means only the Torah, as it is said: She is a tree of life, to them that lay hold upon her. (*ARACHIN* 15b).

Por sua vez, a Árvore do conhecimento do bem e do mal é identificada pelos sábios do *Talmud* com três diferentes vegetais: a parreira (videira), a figueira ou algum tipo de cereal.

R. Meir holds that the tree of which Adam ate was the vine, since the thing that most causes wailing to a man is wine, as it says, "And he drank of the wine and was drunken" (*GN* 9:21). R. Nehemiah says it was the fig tree, so that they repaired their misdeed with the instrument of it, as it says, "And they sewed fig leaves together" (3:7). R. Judah says it was wheat, since a

⁴ *Talmud* é uma das obras fundamentais do Judaísmo, considerada sua "lei oral", que consta de discussões rabínicas sobre diversos temas como leis, ética e filosofia. Possui dois componentes: a *Mishná*, compilada em 220 d.C., e a *Guemará*, por volta de 500 d.C. Para todas as citações do *Talmud* será utilizado o software *Judaic Classics: The Soncino Talmud*. Versão 3.4. New York: Judaica Press, 1990.

⁵ A *Torá* é o conjunto de livros que forma o Pentateuco. A Bíblia Hebraica, ou *Tanach*, é composta pelos 24 livros do Pentateuco, Profetas e Escritos.

child does not know how to call ‘father’ and mother until it has had a taste of corn [Hence the Tree of Knowledge must have been some kind of corn].
(*TALMUD BERACHOT* 40a).

Para o Zohar (26a, BERESHIT, 3:22, p. 134), a *Árvore do conhecimento do bem e do mal* simboliza aquelas pessoas cujas faculdades mentais estão direcionadas apenas para objetos fenomenais que podem ser vistos e tocados, e para os quais a presença divina na natureza, na vida das nações e na própria alma humana é indetectável e ignorada.

Segundo Philo (1894, p. 28159), se existem plantas de natureza mortal, também devem existir plantas que proporcionam vida e imortalidade.

As árvores “sagradas” seriam apenas alegorias, em nenhum aspecto seriam similares às existentes entre nós. *Árvores da vida, da imortalidade, do conhecimento, da compreensão, do bem e do mal* não podem ser árvores da terra, mas sim, plantas de um “solo racional”, um caminho a ser percorrido para se alcançar a virtude, tendo como fim a vida e a imortalidade; o caminho contrário teria como fim a morte. É possível supor que foi plantado na alma um paraíso de virtudes e de ações correlatas que leva à felicidade perfeita (PHILO, 1894, p. 6882-6890).

Assim, Moisés joga nas águas amargas de Mará uma árvore para torná-las doces: “Então, Moisés clamou ao SENHOR, e o SENHOR lhe mostrou uma árvore; lançou-a Moisés nas águas, e as águas se tornaram doces”. (Ex 15:25).

O bem perfeito é aquele cuja natureza é mudar e adocicar a mente cheia de amargura (PHILO, 1894, p. 9089). Esta árvore proporciona não apenas o alimento, mas também a imortalidade: a *Árvore da vida* foi plantada na parte central do paraíso, no meio de muitas outras árvores; essa árvore representa a bondade cercada por todos os lados de virtudes e ações correspondentes, no sentido de se atingir a virtude, porque é a virtude que recebe o local mais central e especial da alma. Assim, aquilo que ocupa o centro representa a causa primária e o começo, como um líder; a *Árvore da vida* indica, então, a melhor das virtudes humanas, a piedade, através da qual a mente alcança a imortalidade (PHILO, 1894, p. 28166), cujas ramificações estariam por todo o Universo (PHILO, 1894, p. 5424). A *Árvore do conhecimento do bem e do mal*, por sua vez, representa a prudência, que é a compreensão da ciência, através da qual tudo se torna conhecido – obtém-se discernimento. O homem, com sua inteligência, vê tudo de forma incorreta, de uma forma mista, como se os seus olhos estivessem escurecidos – ele é incompetente para ver e entender claramente cada coisa específica, separadamente do

conjunto. Como se algo impedisse os olhos de enxergar uma luz, assim funciona a mente humana e sua inteligência (PHILO, 1894, p. 28174-28181).

A Árvore da vida pode ser representada por uma grande árvore que se estende da terra até os céus, como também por diversos outros símbolos: montanha, pilar, escada, ou até mesmo o cordão umbilical. Pode representar a conexão entre mundos, entre a vida e a vida após a morte, ou entre seres humanos e celestes (GRIFFITH, 1985, p. 1). A árvore sagrada, associada aos céus, serve também como local de revelação. Todos os templos do Antigo Oriente Próximo estavam associados à Árvore da vida de alguma forma: algumas vezes representavam-na por uma árvore dentro do templo, outras vezes fazia parte da paisagem original, já em outras, representava o próprio cosmos (GRIFFITH, 1985, p. 4-5).

Esta árvore é frequentemente retratada sendo localizada no centro da terra⁶. Segundo Eliade, existe um pilar ou eixo que conecta os centros da terra e do céu – o *axis mundi*.

We have here the prototype of a cosmological image that was very widespread: that of the *axis mundi*, the cosmic axis that supports the heavens and simultaneously paves the way to the world of the gods. We cannot detail here the innumerable images of the cosmic axis. It will suffice to state that all myths which stress the Tree of the World, the cosmic mountains, pillars, stone columns, or ladders that link the earth with the heavens, express this fundamental idea: that a “center of the world” exists thanks to which communication with the heavens can be accomplished and around which the totality of the habitable world extends. (ELIADE, 1958, p. 7).

O livro *Zohar* descreve a Árvore da vida como um ponto de contato entre as águas de cima e as águas de baixo do firmamento (Gn 1:7), proporcionando o crescimento da vida sobre a terra.

Now the time essential for this correlative union was a period of five hundred years, during which the waters above and those below flowed unitedly by the tree of life, serving as a point of contact and junction, so that by their reciprocal action they might give rise to vegetable and animal life upon the earth plane. (ZOHAR BERESHIT I 18a, p. 96).

⁶ “Navel of the earth” ou ónfalo: pedra como artefato religioso, erigida em diversos locais, em geral em torno do Mar Mediterrâneo, segundo James, 1966, p. 32.

Segundo James (JAMES, 1966, p. 106), Adão e Eva pegaram um ramo da Árvore do conhecimento quando foram expulsos do Paraíso; este ramo foi passado para Noé, em seguida para Abraão, até que, eventualmente, chegou a Moisés por meio de seu sogro, Itró. Este bastão ou cajado de Moisés foi utilizado para mostrar os sinais divinos para o faraó: “Tomarás, pois, na tua mão esta vara, com que hás de fazer os sinais.” (Gn 4:17).

Ao que lhe perguntou o Senhor: Que é isso na tua mão? Disse Moisés: uma vara. Ordenou-lhe o Senhor: Lança-a no chão. Ele a lançou no chão, e ela se tornou em cobra. (Ex 4:2-3).

Arão lançou a sua vara diante de Faraó e diante dos seus servos, e ela se tornou em serpente. Faraó também mandou vir os sábios e encantadores; e eles, os magos do Egito, também fizeram o mesmo com os seus encantamentos. Pois cada um deles lançou a sua vara, e elas se tornaram em serpentes; mas a vara de Arão trouxe as varas deles. (7:10-12).

O cajado de Arão, uma vara de amendoeira, simboliza a autoridade do sacerdócio.

Sucedeu, pois, no dia seguinte, que Moisés entrou na tenda do testemunho, e eis que a vara de Arão, pela casa de Levi, brotara, produzira gomos, rebentara em flores e dera amêndoas maduras. (Nm 17:8).

E veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Que é que vês, Jeremias? Eu respondi: Vejo uma vara de amendoeira. Então me disse o Senhor: Viste bem; porque eu velo sobre a minha palavra para a cumprir. (Jr 1:11-12).

Segundo o misticismo judaico, a Árvore da vida é composta por dez *sefirot* dispostas em um diagrama, ligadas umas às outras pelos vinte e dois caminhos da sabedoria, cada um representado por uma letra do alfabeto hebraico (ZUKERWAR, 1997, p. 84). Estas dez *sefirot* são forças fundamentais ou canais de fluxo divino (STEINSALTZ, 1992, p. 41).

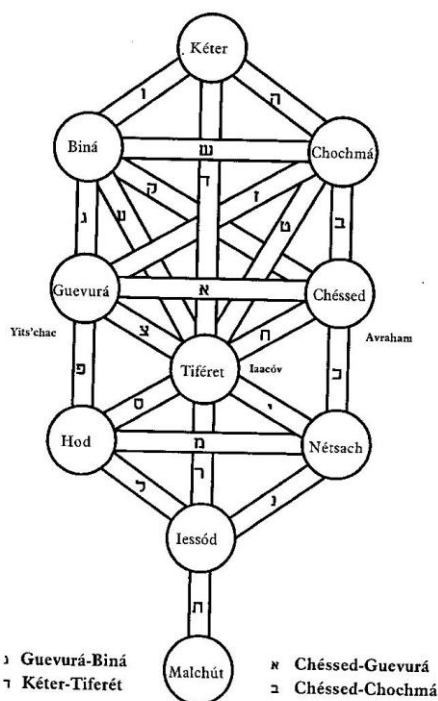


Figura 1. A Árvore da vida do misticismo judaico

Fonte: ZUKERWAR, 1997, p. 85.

Representados na Figura anterior, *Kéter* (“coroa”) é a vontade divina básica, como também a fonte de todo o prazer; *Chochmá* (“sabedoria”) é o conhecimento intuitivo, instantâneo; *Biná* (“compreensão”) tende para a análise lógica; *Daat* (“conhecimento”) é a acumulação ou soma do que é conhecido, sendo uma décima primeira *sefirá*; *Chessed* (“graça”) é o impulso incontrolável de expansão; *Guevurá* (“poder”) é a restrição e concentração, controle; *Tiféret* (“beleza”) é a combinação de harmonia, verdade e compaixão; *Nétsach* (“eternidade”) é a conquista ou a capacidade de vencer; *Hod* (“esplendor”) é a persistência ou constância; *Yesód* (“fundação”) é o veículo, o transporte de uma coisa ou condição para outra; *Malchút* (“reinado”) significa soberania e governo. A grande soma de todas estas *sefirot*, responsáveis pela lei e ordem universais, em suas relações, constitui a relação permanente entre Deus e o mundo (STEINSALTZ, 1992, p. 42-43).

As árvores possuem qualidades que as tornam símbolos naturais: fornecem alimentação através dos frutos, sustentando o homem, simbolizando a fonte da vida; florescem e dão frutos, simbolizando a criação de nova vida e fertilidade; envelhecem e eventualmente morrem no outono, para reviverem em cada primavera, simbolizando, assim, vida eterna e ressurreição; a árvore da vida está no centro do Jardim do Éden, assim como Deus está no centro do Universo (HUNSAKER, 1985, p. 2). Mais ainda, a árvore é um símbolo natural

lógico para retratar o local de contato entre o céu e a terra, por atingir grande altura em direção ao céu (GRIFFITH, 1985, p. 5). Por outro lado, suas raízes apontam em direção ao mundo inferior ou o local dos mortos (GRIFFITH, 1985, p. 10).

Segundo James (1966, p. 32), a árvore adquiriu sua sacralidade devido à manifestação da sua vitalidade em seu poder de crescimento e frutificação, pelas suas qualidades numinosas⁷ em florestas e bosques, e pelas suas conexões com plantas mágicas, água da vida, ónfalos e imortalidade. Assim como a sacralidade da água é explicada por ser um agente que concede vida, a coluna ou o pilar sagrado dos santuários deriva a santidade da árvore⁸.

Um importante uso das árvores em rituais religiosos é na realização de tratados. A árvore sagrada pode estar ligada ao pacto de duas maneiras: frequentemente seus ramos eram cortados como um sinal ou testemunho do pacto acordado, ou a própria árvore sagrada poderia ser uma testemunha do pacto (HUNSAKER, 1985, p. 4-5).

Assim fez Josué naquele dia um pacto com o povo, e lhe deu leis e ordenanças em Siquém. E Josué escreveu estas palavras no livro da lei de Deus; e, tomando uma grande pedra, a pôs ali debaixo do carvalho que estava junto ao santuário do Senhor, e disse a todo o povo: Eis que esta pedra será por testemunho contra nós, pois ela ouviu todas as palavras que o Senhor nos falou; pelo que será por testemunho contra vós, para que não negueis o vosso Deus. (Js 24:25-27).

A árvore sagrada também pode estar associada à presença divina.

Passou Abrão pela terra até o lugar de Siquém, até o carvalho de Moré. Nesse tempo estavam os cananeus na terra. Apareceu, porém, o Senhor a Abrão, e disse: à tua semente darei esta terra. Abrão, pois, edificou ali um altar ao Senhor, que lhe aparecera. (Gn 12:6-7).

Depois apareceu o Senhor a Abraão junto aos carvalhos de Mamre [...] (Gn 18:1).

E apareceu-lhe o anjo do Senhor em uma chama de fogo do meio duma sarça. Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. (Ex 3:2).

⁷ Estado religioso da alma inspirado pelas qualidades transcendentes da divindade.

⁸ Exemplos de colunas ou pilares sagrados (grifos nossos): Então Moisés escreveu todas as palavras do Senhor e, tendo-se levantado de manhã cedo, edificou um altar ao pé do monte, e **doze colunas**, segundo as doze tribos de Israel (Ex 24:4); Não fareis para vós ídolos, nem para vós levantareis imagem esculpida, nem **coluna**, nem poreis na vossa terra pedra com figuras, para vos inclinardes a ela (Lv 26:1); Depois levantou as **colunas** no pórtico do templo; levantando a **coluna direita**, pôs-lhe o nome de Jaquim; e levantando a **coluna esquerda**, pôs-lhe o nome de Boaz (1 Rs 7:21).

Ela se assentava debaixo da palmeira de Débora, entre Ramá e Betel, na região montanhosa de Efraim; e os filhos de Israel subiam a ter com ela para julgamento. (Jz 4:5).

Então o anjo do Senhor veio, e sentou-se debaixo do carvalho que estava em Ofra e que pertencia a Joás, abiezrita, cujo filho Gideão estava malhando o trigo no lagar para o esconder dos midianitas. (Jz 6:11).

Devido ao poder simbólico da Árvore da vida, não é surpresa que esta tenha sido incorporada às construções de templos. Em alguns deles, colunas e pilares a representavam, mas a prática mais comum era o uso de árvores verdadeiras (HUNSAKER, 1985, p. 8).

Árvores estilizadas com significados religiosos foram utilizadas desde IV milênio na Mesopotâmia, e este costume se espalhou no II milênio A.E.C. por todo o Oriente Próximo, se estendendo até o Egito, a Grécia e o vale do Indus (Afeganistão, Paquistão e norte da Índia) (PARPOLA, 1993, p. 161).

No Egito, o mais antigo emblema de Osíris⁹, a coluna *Djed*, tem a aparência de um pilar, sendo uma árvore com seus galhos entrelaçados, provavelmente uma conífera¹⁰, ou quatro flores de lótus, uma dentro da outra. A árvore tornou-se o símbolo hieroglífico do nome de Osíris. Quando Osíris foi assassinado por seu irmão Seth, seu corpo foi atirado ao mar e chegou até Biblos, onde uma árvore da família das ericáceas¹¹ cresceu ao redor de seu corpo e o envolveu. A árvore foi cortada pelo rei e se tornou um pilar de sua moradia, mas acabou sendo levada para o templo de Ísis, onde foi adorada pelo povo. Os templos egípcios sempre possuíam uma ou mais árvores sagradas, preferencialmente sicômoros¹², acácias ou tamareiras, onde habitava alguma divindade. No palácio e nas casas dos ricos de El Amarna, os pilares de madeira foram esculpidos na forma de troncos de palmeiras, e na estela de Tehuti-Hetep (1938-1849 A.E.C.) uma árvore se encontra em uma depressão em forma de copo, onde a água se acumula, e a deusa Ísis, com um vaso em sua mão direita, distribui a água por quatro fontes; sobre ela está a deusa Hathor, senhora do sicômoro. Hathor e Nut vivem na grande árvore do céu e abastecem as almas dos mortos com alimentos celestiais; Nut aparece no *Livro dos Mortos* em um sicômoro; a oliveira era a morada de Horus. Em Heliópolis, a árvore sagrada *Ished*, considerada a Árvore da vida egípcia, surgiu quando Rá, o deus-sol, apareceu pela primeira vez, e foram inscritas em suas folhas os nomes e anos dos

⁹ Deus da mitologia egípcia que controlava o mundo dos mortos.

¹⁰ Plantas como o pinheiro, cujas sementes não são abrigadas em um fruto. (Ferreira, 2008, p. 258).

¹¹ Família de plantas lenhosas, arbustivas, como a azaleia. (Ibid., p. 359).

¹² Grande árvore acerácea, ornamental. (Ibid., p. 738).

faraós, enquanto no leste do mundo, nos “campos de juncos dos bem-aventurados”, o caminho percorrido pelo deus-sol através do horizonte era ladeado por dois sicômoros. A “Dama do Sicômoro” acolhia cada nova chegada ao Paraíso, semicoberta pela folhagem, oferecendo água e alimento (JAMES, 1966, p. 38-41). Para McDonald (2002, p. 128), a Árvore da vida é a lótus egípcia, com a qual a humanidade nunca perdeu contato. A planta possuiria um significado mítico e uma função ritualística perdidos ao longo da história.

O culto às árvores sagradas era bastante disseminado nas culturas amorita, mesopotâmica e canaanita (WOOD, 1916, p. 21-23). Existem evidências de uma avançada cultura de uso de plantas, não apenas para o consumo, mas também para rituais, na região do Carmel, norte de Israel, de até 13 mil anos atrás¹³. Na Babilônia e Assíria, a árvore sagrada, em especial a tamareira, representava a fonte da vida, e seus ramos e folhas irradiavam um poder místico. Em Khorsabad, troncos de cedro ornamentados ficavam em ambos os lados da entrada do templo. Na Assíria, no Ano novo havia um ritual para promover o renascimento da natureza utilizando-se um tronco de árvore, associada ao deus Ashur e ao seu símbolo solar, o disco alado. O deus Ashur, assim como o deus egípcio Osíris, era um deus que morria e revivia, e este ritual era protagonizado nessa data festiva. Ele era retratado sentado em um disco alado e pairando sobre uma árvore, nas cenas que representam o festival anual assírio, assim como em selos cilíndricos desta civilização (JAMES, 1966, p. 43.). A árvore sagrada simbolizava, assim, a ordem mundial divina mantida pelo rei assírio como representante do deus Ashur (PARPOLA, 1993, p. 167-168). O domínio assírio sobre todo o mundo, conseqüentemente, torna-se legítimo, já que a ordem mundial é mantida pelo rei assírio. Este é também tratado, algumas vezes, como a personificação humana da árvore sagrada; se esta representa a ordem mundial divina, o rei é a personificação da ordem divina na humanidade, ou seja, o homem perfeito, a imagem do divino, dessa forma, o rei governa com poder absoluto. A importância da árvore sagrada para a ideologia imperial assíria é corroborada pelas inscrições da árvore sagrada em roupas, jóias e selos reais, assim como em pinturas e esculturas nas paredes dos palácios (PARPOLA, 1993, p. 163).

A narrativa babilônica da Criação, na qual consta um jardim nos moldes do Éden com uma videira ou parreira em seu interior, possui pontos em comum com a narrativa bíblica:

¹³ Segundo o Prof. Dani Nadel da Universidade de Haifa. SHAPIRA, R. *Carmel cavemen used plants in rituals 13,000 years ago, archaeologists find*. Disponível em: <<http://www.haaretz.com/archaeology/1.570106>>.

Incantation: ‘(In) Êridu a dark vine grew, it was made in a glorious place,
Its appearance (as) lapis-lazuli, planted beside the Abyss,
Which is Ae’s path, filling Êridu with fertility.
Its seat is the (central) point of the earth,
Its dwelling is the couch of Nammu.
In the glorious house, which is like a forest, its shadow extends,
No man enters its midst.
In its interior is the Sun-god Tammuz.
Between the mouths of the rivers (which are) on both sides.’
(*THE BILINGUAL STORY OF THE CREATION*, Trad. A. H. Sayce, apud:
PINCHES, 2004, p. 859).

Êridu¹⁴ é um tipo de paraíso que se assemelha ao Jardim do Éden em diversos aspectos: ambos jardins possuem vegetação e uma árvore maravilhosa em seu centro¹⁵, também possuem rios que se dividem¹⁶, no qual o acesso humano foi proibido¹⁷. Além disso, Ae é o “deus do conhecimento” (PINCHES, 2004, p. 948), assim como no Éden havia a “árvore do conhecimento”. A árvore do paraíso dos babilônios é uma videira de cor azul (lâpis-lazúli¹⁸) que aparentemente possuía uvas escuras (“dark vine”). Conforme vimos anteriormente, os sábios do *Talmud* acreditavam que a videira pode ter sido a árvore central do Jardim do Éden¹⁹.

No mito de Etana, o pastor protagonista da narrativa segue o conselho do deus-sol Shamash e chega à “árvore do nascimento”, em busca de fertilidade, com a ajuda de uma águia.

Etana daily faced Shamash. (v. 12)
O Lord! By thy command may some one go out and give me the plant of
birth! (v. 17)
Show me the plant of birth, tear out the fruit and [grant me] an offspring! (v.
18)
Shamash opened his mouth and spoke to Etana. (v. 19)
Take the road, pass to the mountain, seek out the hole, [look] within it. (v.
20)
Wherein the eagle has been thrown, I will show thee the plant [of birth]. (v.
21) (*THE ETANA MYTH*, apud: JASTROW, 1910, p. 108-109).

¹⁴ Êridu é traduzido como “the good city” por Pinches (2004, p. 866).

¹⁵ “Do solo fez o SENHOR Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento; e também a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal”. (Gn 2:9).

¹⁶ “E saía um rio do Éden para regar o jardim e dali se dividia, repartindo-se em quatro braços”. (Gn 2:10).

¹⁷ “E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida”. (Gn 2:24).

¹⁸ Lâpis-lazúli é uma pedra preciosa caracterizada por sua cor azul, conhecida desde a antiguidade. Maiores informações podem ser obtidas em Krassman (s.d.)

¹⁹ Segundo os sábios do *Talmud*, a Árvore do conhecimento do bem e do mal pode ter sido a parreira (videira), a figueira ou algum tipo de cereal, conforme informado anteriormente.

No *Épico de Gilgamesh*, a floresta dos cedros, que é na verdade uma só grande árvore onde vivem os deuses, é guardada por um monstro terrível, Humbaba, que acaba sendo decapitado por Gilgamesh e Enkidu.

But Enkidu sighed bitterly and said, 'When I went with the wild beasts ranging through the wilderness I discovered the forest; its length is ten thousand leagues in every direction. Enlil has appointed Humbaba to guard it and armed him sevenfold terrors, terrible to all flesh is Humbaba. When he roars it is like the torrent of the storm, his breath is like fire, and his jaws are death itself. He guards the cedars so well that when the wild heifer stirs in the forest, though she is sixty leagues distant, he hears her. What man would willingly walk into that country and explore its depths?

Together they went down into the forest and they came to the green mountain. There they stood still, they were struck dumb; they stood still and gazed at the forest. They saw the height of the cedar, they saw the way into the forest and the track where Humbaba was used to walk. The way was broad and the going was good. They gazed at the mountain of cedars, the dwelling-place of the gods and the throne of Ishtar. The hugeness of the cedar rose in front of the mountain, its shade was beautiful, full of comfort; mountain and glade were green with brushwood.

Gilgamesh listened to the word of his companion, he took the axe in his hand, he drew the sword from his belt, and he struck Humbaba with a thrust of the sword to the neck, and Enkidu his comrade struck the second blow. At the third blow Humbaba fell. Then there followed confusion for this was the guardian of the forest whom they had felled to the ground. For as far as two leagues the cedars shivered when Enkidu felled the watcher of the forest, he at whose voice Hermon and Lebanon used to tremble. Now the mountains were moved and all the hills, for the guardian of the forest was killed. They attacked the cedars, the seven splendours of Humbaba were extinguished. So they pressed on into the forest bearing the sword of eight talents. They uncovered the sacred dwellings of the Anunnaki and while Gilgamesh felled the first of the trees of the forest Enkidu cleared their roots as far as the banks of Euphrates. (*THE EPIC OF GILGAMESH*, TÁBUAS IV-V, apud: PRITCHARD, 2011, p. 50)²⁰.

Utnapishtim, o herói do dilúvio mesopotâmico que se torna imortal como os deuses²¹, revela um segredo a Gilgamesh: uma planta que rejuvenesce! Gilgamesh adquire a planta, que finalmente acaba sendo levada por uma serpente.

²⁰ Pritchard (2011, p. 50) apenas menciona a expedição de Gilgamesh e Enkidu contra o monstro Humbaba, presente nas Tábuas IV e V do épico. Estas tábuas não constam no livro, que afirma o sucesso da expedição na página 50 e, logo em seguida, na página 54, confirma esta informação: "And Anu said to Enlil: 'Because the Bull of heaven they have slain, and Huwawa (Humbaba) they have slain, therefore' – said Anu – 'the one of them who stripped the mountains of the cedar [must die!]'. O texto completo destas tábuas pode ser encontrado em *The Epic of Gilgamesh, Part II – The Forest Journey*. Disponível em: <<http://www.aina.org/books/eog/eog.htm>>.

²¹ *The Epic of Gilgamesh*, apud Pritchard, 2011, p. 69.

Utnapishtim [says] to him, [to] Gilgamesh:
 “Gilgamesh, thou hast come hither, toiling and straining.
 What shall I give thee that thou mayest return to thy land?
 I will disclose, O Gilgamesh, a hidden thing,
 And [*a secret of the gods* I will] tell thee:
 This plant, like the buckthorn is [its...].
 Its thorns will prick thy hands] just as does the *rose*.
 If thy hands obtain the plant, [thou wilt find new life].”
 [...]
 Gilgamesh says to him, to Urshanabi, the boatman:
 “Urshanabi, this plant is a plant *apart*,
 Whereby a man may regain his life’s breath.
 I will take it to ramparted Uruk,
 Will cause [...] to eat the plant...!
 Its name shall be ‘Man Becomes Young in Old Age.’
 I myself shall eat (it)
 And thus return to the state of my youth.”
 [...]
 A serpent snuffed the fragrance of the plant;
 It came up [from the water] and carried off the plant.
 Going back it shed [its] slough. (*THE EPIC OF GILGAMESH*, apud:
 PRITCHARD, 2011, p. 71).

Segundo Albright (ALBRIGHT, 1920, p. 279-280), a *Árvore da vida* está frequentemente associada à serpente, assim como acontece na narrativa bíblica da perda da eternidade (Gn 3). Uma serpente enrolada na árvore é um estereótipo comum, que provavelmente tem sua origem na Antiga Babilônia. A associação da serpente com a planta da vida, ou com ervas medicinais em geral, é tão difundida que o caduceu (bastão com duas serpentes enroladas e com duas asas na extremidade superior, insígnia do deus Mercúrio²²) tornou-se o símbolo da medicina.

A *Árvore da vida* surge na literatura mesopotâmica como local de reunião de espíritos e fonte de imortalidade.

The beauteous spirit has her joy, and flees
 With all her sister spirits beneath the trees.
 And lo! the *gesdin* (the Tree of Life) shining stands,
 With crystal branches in the golden sands,
 In this immortal garden stands the tree.
 With trunk of gold, and beautiful to see.
 Beside a sacred fount the tree is placed,
 With emeralds and unknown gems is graced,
 Thus stands, the prince of emeralds, - Elam's tree,

²² Ferreira, 2008, p. 197.

As once it stood, gave Immortality
 To man, and bearing fruit, there sacred grew,
 Till Heaven claimed again Fair Eridu. (*THE EPIC OF ISHTAR AND
 IZDUBAR*, apud: McCarty, 1901, p. 132).

Para os hititas, assim como no exemplo anterior, a árvore sagrada é o local de assembleia de deuses: “The gods were gathered in assembly under the *hatalkešnaš* tree. For the *hatalkešnaš* tree I have fixed long [years]”. (*THE TELEPINUS MYTH*. Trad. A. Goetze, apud: PRITCHARD, 2011, p. 104).

Segundo a mitologia nórdica, o deus Odin fixa-se de cabeça para baixo na árvore Yggdrasil, um freixo²³, durante nove dias e nove noites, passando fome, sede e sangrando. Após seu sacrifício, Odin troca um de seus olhos pela água da fonte do conhecimento de Mimir. O freixo, a árvore do mundo, para a mitologia nórdica, representa o poder das águas, absorve doenças, atrai relâmpagos e conduz força mágica. Os pilares sagrados de troncos e de tempos eram feitos com sua madeira, e o primeiro homem, Ask, foi feito a partir desta árvore²⁴.

Filósofos gregos, ao verem os galhos se curvarem ao vento, ensinaram que as árvores são seres vivos com percepções, emoções e almas (WOOD, 1916, p. 21-23). Árabes atribuíam personalidades às árvores sagradas, chamadas de *menāhil* (WOOD, 1916, p. 21-23). Arrancar um galho de algumas destas árvores seria um grande perigo. Resquícios de cultos semíticos a árvores sobreviveram até os dias de hoje. A santidade das árvores é também evidenciada pela grande veneração que os povos antigos tinham pelas árvores próximas ou dentro dos recintos dos santuários, e havia árvores em todos os altares canaanitas, sempre impregnadas de divindade. Os sacrifícios e holocaustos eram feitos em altares bem próximos destas árvores. O chão localizado bem abaixo de uma árvore sagrada é um lugar propício para o enterro de heróis, como uma homenagem. Idólatras se curvavam para imagens, pilares e *’asherahs*²⁵, ato condenável pela Bíblia Hebraica: “Não plantarás para ti nenhuma *Asherá* (אשרה), nem árvore junto ao altar do Eterno, teu Deus, que farás para ti”. (Dt 16:21).

²³ Árvore da família das oleáceas (Ferreira, 2008, p. 418), comum em climas temperados, de madeira clara, macia e resistente.

²⁴ *Norse Gods, Goddesses, Giants, Dwarves & Wights*. In: HALVORSEN, I. *Runes, Alphabet of Mystery*. Disponível em: <<http://sunnyway.com/runes/gods.html>>.

²⁵ Etimologicamente, segundo Margalit (1990, p. 267-269, 293), “esposa, companheira ou parceira”, deusa canaanita do segundo milênio A.E.C.; a árvore é o símbolo de culto da deusa homônima. “The abode of Lady Ashera of the Sea / Is the abode of the perfect brides” (*Poems about Baal and Anath II AB*. Trad. H. L. Ginsberg, apud: Pritchard, 2011, p. 113).

Eliade (ELIADE, 1967, p. 175) menciona outros povos, os Ngadju Dayak de Bornéu e os Aranda, que possuem mitologias concernentes às árvores sagradas. Na crença dos Ngadju Dayak de Bornéu, Mahatala, o deus supremo, cria a Árvore da vida no “Centro” do mundo. Das excrescências da árvore somadas ao musgo que cai da garganta de um pássaro (calau), surge o primeiro casal de humanos, ancestrais do povo Dayak. A árvore acaba destruída, mas de sua destruição e morte surge o cosmos e a vida humana. Para os Aranda, da Austrália, a morte é devida à interrupção das comunicações entre o céu e a terra, que ocorria pela existência de uma escada que servia como ponte entre os dois mundos. Havia também árvores gigantescas e ancestrais capazes de escalar estas árvores até o céu (ELIADE, 1967, p. 180). Alguns destes ancestrais acabaram morrendo e se transformando em pedras ou árvores, até que seus espíritos pudessem se reencarnar.

Entre as árvores que merecem destaque na Bíblia Hebraica estão:

- A tamareira (date-palm), considerada sagrada por ser uma planta nativa da região dos semitas, e fornecer sustento para os moradores do deserto (WOOD, 1916, p. 25-26). No livro de Enoque (24:4-5, p. 563), este personagem encontra no Paraíso uma tamareira: “How beautiful is this tree, and fragrant, and its leaves are fair, and its blooms very delightful in appearance”. Salomão representa esta árvore nas paredes do Templo de Jerusalém: “Nas paredes todas, tanto no mais interior da casa como no seu exterior, lavrou, ao redor, entalhes de querubins, palmeiras e flores abertas” (1 RS 6:29). Os israelitas acampam no deserto onde havia setenta palmeiras: “Então, chegaram a Elim, onde havia doze fontes de água e setenta palmeiras; e se acamparam junto das águas” (EX 15:27). Há ainda outras referências: “Ela atendia debaixo da palmeira de Débora” (JZ 4:5); “Todos os homens de Israel se levantaram do seu lugar e se ordenaram para a peleja em Baal-Tamar”. (JZ 20:33).
- O carvalho ou terebinto, a árvore sagrada mais comum de todas. As palavras hebraicas para “carvalho” e “terebinto” são *'elah* ou *'alon* (plural *'elim*), palavras derivadas de *'el*, o nome semítico geral para divindade (WOOD, 1916, p. 21-23). Sua existência é mencionada ou insinuada em onze diferentes santuários (Beer-elim, Beth-el, Elim, Elon, Elon-tabor, Emek-ha-elah, Kedesh, Hebron, Ophrah, Shechem, Jabesh) (Wood, 1916, p. 21-23). Outras alusões: “Porque vos envergonhareis dos carvalhos que cobiçastes e sereis confundidos por causa dos jardins que escolhestes. Porque sereis

como o carvalho, cujas folhas murcham, e como a floresta que não tem água” (IS 1:29-30); “Sacrificam sobre o cimo dos montes e queimam incenso sobre os outeiros, debaixo do carvalho, dos choupos e dos terebintos, porque é boa a sua sombra; por isso, vossas filhas se prostituem, e as vossas noras adulteram” (OS 4:13). O carvalho de Moré e o carvalho dos Adivinhadores parecem se referir a uma famosa árvore sagrada de Shechem: “Atravessou Abrão a terra até Siquém, até ao carvalho de Moré (אלון מורה). Nesse tempo os cananeus habitavam essa terra” (GN 12:6); “Porventura, não estão eles além do Jordão, na direção do pôr do sol, na terra dos cananeus, que habitam na Arabá, defronte de Gilgal, junto aos carvalhais de Moré (אלוני מרה)?” (DT 11: 30); “Eis ali desce gente defronte de nós, e uma tropa vem do caminho do carvalho dos Adivinhadores (אלון מעוניים)”. (JZ 9:37).

- O tamarisco ou tamargueira: “Plantou Abraão tamargueiras em Berseba” (GN 21:33); “Achando-se Saul em Gibeá, debaixo de um arvoredado (אשל), numa colina, tendo na mão a sua lança, e todos os seus servos com ele” (1 SM 22:6); “Tomaram-lhes os ossos, e os sepultaram debaixo de um arvoredado (אשל), em Jabes, e jejuaram sete dias”, (1 SM 31:13).
- A acácia: “Ao soar das trezentas trombetas, o SENHOR tornou a espada de um contra o outro, e isto em todo o arraial, que fugiu rumo de Zererá, até Bete-Sita (“casa da acácia”), até ao limite de Abel-Meolá, acima de Tabate” (JZ 7:22); “Habitando Israel em Sitim [...]” (NM 25:1); “E acamparam-se junto ao Jordão, desde Bete-Jesimote até Abel-Sitim (campo das acácias), nas campinas de Moabe”. (NM 33:49).
- A amoreira: “Mas vieram os filisteus e se estenderam pelo vale dos Refains (amoreiras)”. (2 SM 5:18).
- O zimbro: “Deitou-se e dormiu debaixo do zimbro” (1 RS 19:5). Um dos acampamentos dos israelitas durante seu percurso no deserto foi chamado de Ritmá (zimbro) (HUBNER, 2009, p. 96), e o salmista compara uma “língua enganadora” com “setas (flechas) agudas” e “brasas de zimbro”: “SENHOR, livra-me dos lábios

mentirosos, da língua enganadora. Que te será dado ou que te será acrescentado, ó língua enganadora? Setas agudas do valente e brasas vivas de zimbro”. (SL 120:2-4).

- A romeira: “Saul se encontrava na extremidade de Gibeá, debaixo da romeira em Migrom”. (1 SM 14:2).
- A sarça: deve ter sido a árvore utilizada por Deus para contatar Moisés: “Apareceu-lhe o Anjo do SENHOR numa chama de fogo, no meio de uma sarça; Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo e a sarça não se consumia” (Ex 3:2). Até mesmo Deus é chamado de “aquele que aparece na sarça” (DT 33:16) no Monte Horeb. Talvez seja a mesma árvore utilizada por Hagar: “Tendo-se acabado a água do odre, colocou ela o menino debaixo de um dos arbustos”. (EX 21:15).
- O cedro, utilizado na construção de templos babilônios, egípcios e fenícios, além do Templo de Salomão em Jerusalém (1 RS 5-7), também deve ter sua parcela de santidade. Além da construção, o cedro também fazia parte das oferendas: “o sacerdote ordenará que se tomem, para aquele que se houver de purificar, duas aves vivas e limpas, e pau de cedro, e estofo carmesim, e hissopo”. (LV 14:4).
- A oliveira: planta de extrema importância na Bíblia Hebraica, na qual é mencionada muitas vezes (GAFNI, s.d., p. 49-53), é considerada uma árvore digna de reinado: “Foram, certa vez, as árvores ungir para si um rei e disseram à oliveira: Reina sobre nós” (JZ 9:8-9). Pertence a ela o ramo trazido pela pomba para Noé: “Esperou ainda outros sete dias e de novo soltou a pomba fora da arca. À tarde, ela voltou a ele; trazia no bico uma folha nova de oliveira; assim entendeu Noé que as águas tinham minguado de sobre a terra” (GN 8:10-11). A oliveira é uma das sete espécies com as quais foi abençoada a terra de Israel: “terra de trigo e cevada, de vides, figueiras e romeiras; terra de oliveiras, de azeite e mel” (DT 8:8). A oliveira pode simbolizar bênção (“plantarei no deserto o cedro, a acácia, a murta e a oliveira”, Is 41:19), fertilidade (“tua esposa, no interior de tua casa, será como a videira frutífera; teus filhos, como rebentos da oliveira, à roda da tua mesa”, Sl 128:3) e beleza (“o SENHOR te chamou de oliveira verde, formosa por seus deliciosos frutos”, Jr 11:16). Outra importante simbologia associada à oliveira são os dois ramos ao redor da

menorá (castiçal), explicados pelo profeta Zacarias, que fazem parte do símbolo atual do estado de Israel:

Falei mais, e lhe perguntei: Que são estas duas oliveiras à direita e à esquerda do castiçal? Segunda vez falei-lhe, perguntando: Que são aqueles dois ramos de oliveira, que estão junto aos dois tubos de ouro, e que vertem de si azeite dourado? Ele me respondeu, dizendo: Não sabes o que é isso? E eu disse: Não, meu Senhor. Então ele disse: Estes são os dois ungidos, que assistem junto ao Senhor de toda a terra. (4:11-14).

O azeite produzido através do fruto da oliveira possuía muitos usos, mas destacam-se seus usos rituais: “o azeite para a iluminação, e para o óleo da unção, e para o incenso aromático” (Ex 35:28).

REFERÊNCIAS

ALBRIGHT, W. F. The Goddess of Life and Wisdom. **The American Journal of Semitic Languages and Literatures**, The University of Chicago Press, v. 36, n. 4, p. 258-294, jul. 1920. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/528330>>. Acesso em: 28 jan. 2014.

A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira D’Almeida. Rio de Janeiro: Sociedades Bíblicas Unidas, 1950.

BÍBLIA DE Jerusalém. 2. Impressão. São Paulo: Paulus, 2003.

ELIADE, M.; HALPERIN, E. P. The Prestige of the Cosmogonic Myth. **Revista Diógenes**, v. 6, n. 23, p. 1-13, jan. 1958. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/249742014_The_Prestige_of_the_Cosmogonic_Myth?ev=pub_srch_pub>. Acesso em: 10 dez. 2013.

BIBLE HUB. 2013. Disponível em: <biblos.com>.

BIBLE WORKS. versão 5.0. Bigfork, MT: Hermeneutika Computer Bible Research Software, 2001.

ELIADE, M. Cosmogonic Myth and 'Sacred History'. **Religious Studies**, Cambridge University Press, v. 2, n. 2, p. 171-183, abr. 1967. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/20004652>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

_____. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2008.

GAFNI, W. **As Sete Espécies**: A Oliveira. Jerusalém: Keren Kaiemet LeIsrael, [s. d.].

GRIFFITH, M. The Tree of Life as a Symbol of the Temple. **Anthropology**, n. 678R, dez. 1985. Disponível em:

<<http://www.bhporter.com/Porter%20PDF%20Files/The%20Tree%20of%20Life%20as%20a%20Symbol%20of%20the%20Temple.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2013.

HUBNER, M. M. **A Rota do Êxodo**. São Paulo, 2009. 207 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.

HUNSAKER, D. **The Garden of Eden and the Tree of Life**: Temple Symbols in Ancient and Modern Times. 1985. Disponível em:

<<http://www.bhporter.com/Porter%20PDF%20Files/The%20Garden%20of%20Eden%20and%20the%20Tree%20of%20Life%20Temple%20Symbols%20in%20Ancient%20and%20Modern%20Times.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2013.

JAMES, E. O. The Tree of Life. In: **Studies in The History of Religions**. v. XI. Leiden: E. J. Brill, 1966, p. 32-43.

JASTROW, M. Jr. Another Fragment of the Etana Myth. **Journal of the American Oriental Society**, v. 30, n. 2, p. 101-131, mar. 1910. Disponível em:

<<http://www.jstor.org/stable/3087600>>. Acesso em: 28 jan. 2014.

JUDAIC CLASSICS: *The Soncino Talmud*. versão 3.4. New York: Judaica Press, 1990.

JUDAIC CLASSICS LIBRARY. versão 2.2. New York: Judaica Press, 2001.

KRASSMAN, T. Lapislazuli: Occurrence, Mining and Market Potential of a Blue Mineral Pigment. In: _____. Mineral & Exploration. Disponível em: <<http://www.mineral-exploration.com/mepub/lapislazuli.pdf>>.

MCCARTY, J. et. al. **Babylonian and Assyrian Literature**: The Epic of Izdubar, Hymns, Tablets and Cuneiform Inscriptions. New York: The Colonial Press, 1901. Disponível em:

<<http://www.archive.org/details/babylonianassyriOOwilsuoft>>. Acesso em: 16 dez. 2013.

MCDONALD, J. A. Botanical Determination of the Middle Eastern Tree of Life. **Economic Botany**, New York Botanical Garden Press, v. 56, n. 2, p. 113-129, 2002. Disponível em:

<<http://www.jstor.org/stable/4256546>>. Acesso em: 11 dez. 2013.

PARPOLA, S. The Assyrian Tree of Life: Tracing the Origins of Jewish Monotheism and Greek Philosophy. **Journal of Near Eastern Studies**, The University of Chicago Press, v. 52,

n. 3, p. 161-208, jul. 1993. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/545436>>. Acesso em: 11 dez. 2013.

PHILO. **The Works of Philo Judaeus of Alexandria**. Tradução Charles Duke Yonge. London: H. G. Bohn, 1894.

PINCHES, T. G. **The Old Testament in the light of the historical records and legends of Assyria and Babylonia**. London: Elibron Classics, 2004.

PRITCHARD, J.B. (Ed.). **The Ancient Near East: An Anthology of Texts & Pictures**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2011.

STEINSALTZ, A. *A Rosa de Treze Pétalas*. São Paulo: Maayanot, 1992.

THE SEPHER Ha-Zohar or The Book of Light: Bereshith to Lekh Lekha. Tradução Nurho de Manhar. Ed. H. W. Percival. New York: Theosophical Publishing Company, 1914. Disponível em: <<http://www.sacred-texts.com/jud/zdm/index.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

TORÁ: *A Lei de Moisés*. Tradução de Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Sefer, 2001.

WOOD, W. C. The Religion of Canaan: From the Earliest Times to the Hebrew Conquest. **Journal of Biblical Literature**, The Society of Biblical Literature, v. 35, n. 1/2, p. 1-133, 1916. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3259344>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

ZUKERWAR, C. D. **As 3 Dimensões da Kabalá: Essência, Infinito e Alma**. São Paulo: Sefer, 1997.